



O PROTOCOLO RUSSO

COMO DERRUBEI O IMPÉRIO SECRETO DE PUTIN

DR. GRIGORY
RODCHENKOV



**O PROTOCOLLO
RUSSO**

NOTA AO LEITOR

Pela minha definição, um “delator” é um homem que habita em um limbo ambíguo, em que o orgulho perverso de suas realizações antiéticas do passado coexiste com o desejo de expor o sistema corrupto que o nutriu com sucesso por muito tempo.

Estas páginas não são uma tentativa de inventar desculpas para as minhas ações, nem de justificá-las. Esforcei-me para serem, acima de tudo, honestas. Não vou me esquivar de dar um relato completo e sincero do que fiz, nem peço a você que me perdoe. Pois, como George Orwell escreveu: “Havia verdade e havia mentira, e, se você se agarrasse à verdade, mesmo contra o mundo todo, você não estaria louco”.

Vamos começar.

INTRODUÇÃO

Estou exilado da Rússia, minha terra natal, involuntariamente. Vivo sob proteção policial, em um proverbial “local não revelado”. Sempre que saio do meu pequeno apartamento, sou acompanhado de um ou dois seguranças armados. Em algumas ocasiões, uso colete à prova de balas.

Durante grande parte da minha juventude, fui um corredor competitivo. Agora, quando quero correr ou mesmo dar uma caminhada, tenho que esperar que alguém me leve para sair, tal como meu cachorro costumava fazer quando eu morava em Moscou.

Em novembro de 2015 fugi da Rússia, temendo pela minha vida.

Como químico formado e especializado em análise instrumental, química analítica e cinética química, ajudei a executar a iniciativa de doping esportivo mais bem-sucedida da história mundial. Como diretor do ironicamente chamado Centro Antidoping de Moscou (ADC, na sigla em inglês), meu trabalho era garantir que centenas de atletas russos que participavam de competições internacionais jamais fossem pegos com substâncias proibidas em seus fluidos corporais — como esteroides anabolizantes ou testosterona sintética — nos campos de treinamento e nas competições.

Quando estávamos no auge de nosso poder, nada parecia impossível para nós. As amostras de urina “suja”, saturadas de drogas que melhoram o desempenho, emergiam “limpas” do meu laboratório. Por mais de uma década, e cinco Olimpíadas, nenhum atleta sob minha orientação testou positivo para doping durante as competições.

George Orwell escreveu a respeito do “duplipensamento”, que ele afirmou ser “saber e não saber, ter consciência da completa veracidade ao contar mentiras cuidadosamente fabricadas”. Personifico esse duplipensamento orwelliano: dediquei-me ao esporte soviético e russo, mas sou denunciado como traidor

no meu próprio país. Sou um dos responsáveis por minha nação ter ganhado tantas medalhas olímpicas entre 2004 e 2014, mas também fui a causa do seu banimento do Movimento Olímpico.

Considero-me honesto, mas enganei de maneira consciente e intencional as autoridades antidoping mundiais por mais de dez anos, tanto para a grande “glória” dos atletas russos como para satisfazer burocratas do esporte, que estavam empenhados em perpetuar o sucesso esportivo da Rússia. Justificava minhas ações dizendo nunca ter havido controle antidoping real na União Soviética (URSS) ou na Rússia, de modo que estava simplesmente seguindo um caminho bastante trilhado. Ao mesmo tempo, sentia desprezo pelas autoridades internacionais antidoping, que tinham uma retórica imbuída de altos princípios morais sobre “esporte limpo”, mas — Orwell, mais uma vez — falhavam constantemente em ver o que estava acontecendo debaixo do nariz delas. Em minha opinião, nunca levaram a sério a repressão ao doping esportivo. Os aficionados pagavam muito dinheiro para assistir aos atletas de elite, ao vivo e na TV, e o esporte não parecia deteriorado. Por que as autoridades ou eu deveríamos nos preocupar em consertar aquilo?

Sou um marido e pai dedicado, mas não vejo minha mulher e meus filhos há quatro anos.

Meu nome aparece em jornais internacionais, mas sou um fantasma.

Você já deve ter ouvido a fábula da raposa e do galinheiro. Bem, eu era a raposa. Construí o galinheiro. E, então, comi as galinhas.

Mas com certeza não trabalhei sozinho. De fato, administrei a operação de doping da Rússia sob o escrutínio rigoroso da polícia secreta: o Serviço Federal de Segurança (FSB), a antiga KGB. O Ministério do Esporte controlava todos os meus movimentos. E tudo isso aconteceu sob o olhar atento do próprio presidente Vladimir Putin, obcecado pelo esporte e fã de judô.

Sete meses antes dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, em Sochi, surgiram relatos de fraudes sistemáticas de atletas russos. Inicialmente, os detalhes eram obscuros, e os primeiros delatores eram antigos adeptos de doping que depois abandonaram o esporte russo. Somente dois anos depois, o escopo completo do programa de doping sistemático foi revelado: um programa que havia sido parte da estrutura do esporte soviético e russo por décadas.

Com a onda de revelações que ocorreu depois dos Jogos realizados em Sochi, minha situação começou a se complicar. A Agência Mundial

Antidopagem (WADA, na sigla em inglês) e o Comitê Olímpico Internacional (COI) iniciaram investigações em todos os níveis da hierarquia esportiva russa. Em 2015, fui citado 97 vezes em um relatório da Comissão Independente, o nome mais mencionado. De acordo com o documento, eu era o “cérebro do encobrimento dos testes positivos relativos ao uso de drogas”. Notoriamente, também fui identificado como “ajudante e cúmplice das atividades de doping”.

O estrondoso escândalo de doping explodiu em manchetes da mídia mundial, e resultaria na participação limitada da Rússia nos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, e na suspensão da participação nos Jogos Paralímpicos de 2016 e nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2018, em PyeongChang. Não foi só uma controvérsia esportiva, mas também um acontecimento geopolítico. Enfurecido, o presidente Putin exigiu a responsabilização “personalizada e absoluta” dos responsáveis pelo esquema de doping. O alvo era o meu rosto: desde 2005, eu era diretor do Centro Antidoping de Moscou e fui responsável pelo notoriamente corrupto laboratório dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, em Sochi.

Depois que fui forçado a me demitir do Centro Antidoping, amigos me alertaram de que minha vida poderia estar em risco. Diante de uma possível expulsão do Movimento Olímpico, o regime de Putin tinha pressa em apontar bodes expiatórios e fingir que estava lutando contra o doping. Quando o cineasta Bryan Fogel, de Los Angeles, com quem eu estava colaborando na realização de *Ícaro*, filme que se tornaria o ganhador do Oscar de melhor documentário, me ofereceu uma passagem para os Estados Unidos, peguei o laptop e o disco rígido do meu escritório, coloquei alguns pertences em uma bagagem de mão e fugi.

Foi uma decisão radical. Abandonei Veronika, minha mulher há 34 anos, e Vasily e Marina, meus dois filhos, já adultos. O *Sledkom*, como é conhecido o Comitê de Investigação da Federação Russa (CIR), revistou meu apartamento e interrogou minha família. Meus familiares estavam seguros, pois não sabiam nada sobre os esquemas de doping e não tinham ideia de onde eu mantinha meus arquivos.

No entanto, eu temia pela minha vida. Era uma preocupação aparentemente justificável, já que dois ex-colegas, Vyacheslav Sinev, ex-diretor da Agência Antidoping da Rússia (RUSADA), e seu sucessor, o dr. Nikita Kamaev,

morreram misteriosamente em 2016, com uma diferença de onze dias um do outro. Eles sabiam muito a respeito de atletas que falsificavam as amostras de controle antidoping trocando os frascos de urina dos congeladores. Nikita, amigo meu desde a infância, era um saudável entusiasta dos esportes, que se exercitava com regularidade. Supostamente, morreu de um infarto fulminante aos 52 anos e foi enterrado rapidamente depois de uma autópsia pró-forma. Ninguém do Ministério do Esporte ou do Comitê Olímpico Russo compareceu ao funeral de nenhum dos dois.

Em meus cinco anos de exílio, existiram ameaças críveis contra a minha vida. Putin declarou que sou um agente secreto norte-americano e que o meu lugar é na cadeia. Um mandado de prisão foi expedido em meu nome, e um dos aliados do presidente, Leonid Tyagachev, ex-chefe do Comitê Olímpico Russo, declarou que “Rodchenkov deveria ser morto por mentir, como Stálin teria feito”. Meus advogados foram informados de que estou entre os cinco primeiros nomes na lista de alvos do Kremlin.

Enquanto escrevo, meu nome permanece execrado no meu país. No fim de 2019, a Rússia tentou me culpar pelo seu mais recente escândalo de doping, forjando de modo amador mensagens e e-mails que ninguém no mundo — nem sequer as próprias autoridades esportivas russas — considerou verdadeiros. As ações falam mais alto do que as palavras. Novamente, a bandeira russa não tremulará nos Jogos Olímpicos, dessa vez em Tóquio, porque voltaram a ser pegos trapaceando, falsificando quatro anos de testes de controle antidoping.

Vivo sozinho. Em raríssimas ocasiões, consegui enviar mensagens para minha mulher e meus filhos, mas essas oportunidades estão cada vez menores. Talvez algum dia Veronika possa se juntar a mim nos Estados Unidos, mas, neste momento, isso é apenas uma possibilidade distante.

Algumas pessoas me perguntam se me arrependo da minha decisão de deixar a Rússia. Sou ferozmente competitivo, e, com minha vida em risco, decidi lutar contra meus inimigos. Tenho sido ativo em expor o contínuo escândalo da fraude referente ao doping na Rússia, e continuarei sendo. Em 2018, a Câmara dos Deputados dos Estados Unidos aprovou a Lei Rodchenkov Antidoping, que punirá fraudes esportivas e indenizará vítimas de fraudes nas competições esportivas internacionais em todo o mundo. A WADA está no encalço da fraude russa no esporte, e espero poder ser útil.

Tenho consciência de que vivo em um mundo de evidentes contradições: estou ajudando as próprias autoridades de que zombei e as quais driblei, investigando e desmascarando meus ex-colegas na Rússia.

Sim, a raposa voltou ao galinheiro e está manifestando sua preocupação com o bem-estar das galinhas! Não peço desculpas pelo que fiz. No passado, fiz o que tinha que fazer; agora, estou fazendo o que *escolhi* fazer. Há uma diferença abissal.

Fugir da Rússia foi traumático, mas valeu a pena, e eu fugiria de novo. Em dezembro de 2019, tive a honra de saber que o jornal *Financial Times* me elegeu como uma das “cinquenta pessoas que moldaram a década”. Fui “o cérebro que denunciou o grande programa de doping patrocinado pelo Estado russo”. Na companhia de superestrelas mundiais, como Taylor Swift, Mark Zuckerberg e Elon Musk, era um dos únicos dois russos na lista. Eu e Vladimir Putin.

Apesar de ter passado cinco anos sob proteção policial, decidi não mudar minha identidade e desaparecer. Continuarei sendo Grigory Rodchenkov e continuarei fazendo minha voz ser ouvida.

Em um mundo ideal, poderia começar a ensinar química em uma faculdade norte-americana e me reunir com minha família. Contribuí com quase 100 artigos para publicações científicas como autor e coautor, e adoraria retornar à minha área de estudo escolhida. Enquanto escrevo este livro, esses objetivos parecem quase inatingíveis, mas quem teria previsto que o Muro de Berlim seria derrubado durante a minha vida, ou que a outrora onipotente União Soviética deixaria de existir? Mudanças radicais acontecem quando menos se espera.

Olho para o futuro. Esta é a minha história.

GLOSSÁRIO

O mundo do doping esportivo possui o próprio vocabulário distintivo. Eis uma lista das expressões utilizadas com frequência que são encontradas neste livro:

Há décadas, os **esteroides anabolizantes** têm sido as substâncias mais utilizadas em casos de doping. São compostos derivados da testosterona que, em doses mais elevadas, aumentam o volume, a potência e a força muscular, e, em doses menores, melhoram a resistência e a recuperação. É por isso que tanto arremessadores de peso quanto corredores de maratona usam esteroides (e abusam deles).

Na elite do esporte, homens e mulheres conseguem usar esteroides anabolizantes de quinze a trinta dias e depois fazer uma pausa de vinte a trinta dias antes de começar outra sessão. Esse plano (ou esquema) de doping é elaborado meses antes de qualquer competição. Apenas testes sem aviso prévio e fora das competições — em campos de treinamento, hotéis ou na casa de atletas — podem impedir esse tipo de infração. Nos últimos quinze anos, houve um progresso significativo na detecção de esteroides anabolizantes: laboratórios em Moscou e em Colônia, na Alemanha, descobriram os chamados “metabólitos de longa duração”, que são provas detectáveis do uso de esteroides.

Anteriormente, o uso abusivo e frequente de anabolizantes, como oxandrolona e Oral Turinabol, era detectável por apenas dez dias, aproximadamente, mas essa janela de detecção se estendeu para quase cinco meses após a descoberta dos metabólitos de longa duração. Foi uma grande vitória contra o doping, porque a detectabilidade durava mais que o efeito do regime de esteroides, significando que diversos esteroides subitamente se tornaram inúteis (embora não durante os Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, em Sochi, como veremos).

Entre os esteroides utilizados de forma mais abusiva, incluem-se o estanozolol (nomes comerciais: Stromba e Winstrol), a metandienona (nome comercial: Dianabol, também conhecido como Diana), a nandrolona (nomes comerciais: Deca-Durabolin, nos Estados Unidos, e Retabolil, na Rússia, também conhecidos como Deca ou Rita), a metenolona (nome comercial: Primobolan, também conhecido como Prima), a oxandrolona (nome comercial: Anavar, também conhecido como Oxana) e a dehidroclorometiltestosterona ou DHCMT (nome comercial: Oral Turinabol, também conhecido como Turik). Desses, o estanozolol é o mais popular: é um esteroide anabolizante por vezes difícil de conseguir que pode ser injetado ou engolido como comprimido. Um dos primeiros grandes escândalos de doping ocorreu nos Jogos Olímpicos de 1988, em Seul, quando o canadense Ben Johnson estabeleceu o recorde mundial na prova de 100 metros rasos e, depois, foi pego pelo uso de estanozolol no controle antidoping.

Historicamente, os **estimulantes** têm sido as drogas mais utilizadas no esporte. A elite dos atletas não costuma usá-los porque são mais eficazes quando consumidos pouco antes das competições, ocasião em que os testes de controle antidoping são mais intensos. Alguns estimulantes comuns, como efedrinas, são encontrados em remédios para gripe e resfriado, e a metilhexanamina está presente em suplementos de nutrição esportiva, o que ocasionalmente provoca resultados positivos em exames antidoping.

O uso abusivo de **peptídeos** no esporte tornou-se mais frequente graças ao progresso na biotecnologia. As cadeias de aminoácidos que criam massa muscular continuam difíceis de ser detectadas, porque o organismo as metaboliza rapidamente. Os peptídeos proibidos mais conhecidos são a eritropoietina (EPO) e o hormônio do crescimento humano (HGH, na sigla em inglês), que, juntamente com a testosterona, representam grandes desafios para o controle antidoping, porque nosso organismo produz esses compostos naturalmente. A detecção direta não diz muito, mas existe uma ferramenta relativamente nova para capturar fraudes: o Passaporte Biológico do Atleta (PBA). Atualizado diversas vezes por ano, o passaporte revela variações nos parâmetros *básicos* de urina e sangue de um atleta e destaca alterações anormais que podem indicar uma Violação das Regras Antidoping (ou ADRV, na sigla em inglês, como a Agência Mundial Antidopagem a nomeia).

Os **laboratórios credenciados** testam substâncias proibidas e seus metabólitos sobretudo na urina dos atletas. Em comparação, o sangue é difícil de coletar, transportar e analisar.

Na prática, os agentes de controle antidoping (DCOs, na sigla em inglês) coletam urina em campos de treinamento, na casa dos atletas e em competições. Os atletas despejam a urina em dois frascos “gêmeos” rotulados como A e B e, em seguida, assinam um protocolo chamado formulário de controle antidoping. Os frascos gêmeos são entregues ao laboratório credenciado, onde a análise é realizada. O laboratório abre apenas o frasco A e tira pequenas quantidades, ou alíquotas, de urina para diversos procedimentos analíticos. O frasco B permanece intacto e é congelado para análises futuras.

Se a urina do frasco A testar positivo para substâncias proibidas, o atleta ou seu representante poderá solicitar uma análise de controle do frasco B. Então, o laboratório realizará a análise do frasco B na presença do atleta ou de um representante. Nos casos em que as autoridades suspeitarem do uso de um esquema de doping sofisticado por um atleta, ou se uma amostra olímpica for programada para um novo teste posteriormente, o frasco B será dividido em duas amostras: B1 e B2. A B2 propiciará uma segunda amostra de reserva, para análises futuras ou resultados contestados.

No final do livro, há uma lista das principais abreviaturas associadas ao controle antidoping.

QUEM É QUEM

VERONIKA, VASILY E MARINA: minha mulher, meu filho e minha filha, respectivamente.

DR. VITALY SEMENOV (1937-2011): meu primeiro chefe, diretor do laboratório de controle antidoping do Instituto de Pesquisa Científica de Cultura Física da Rússia (VNIIFK), antes da União Soviética.

NIKOLAI PARKHOMENKO (1935-2009): ex-lutador de luta greco-romana de nível internacional, vice-presidente da International Weightlifting Federation — Federação Internacional de Halterofilismo (IWF) e diretor do Centro de Preparação Esportiva das Equipes Nacionais da Rússia (CSP). Personagem muito poderoso na história do esporte russo.

PROFESSOR MANFRED DONIKE (1933-95): chefe do laboratório olímpico de controle antidoping em Colônia. Inovador incorruptível, mentor amado e grande amigo, que morreu, como dizem os russos, *nyesvoyevremmeno*, ou “cedo demais”, aos 62 anos.

DR. SERGUEI PORTUGALOV: farmacologista acadêmico e proeminente “feiticeiro”, ou seja, consultor de doping para atletas russos até 2014.

VALERY KULICHENKO: treinador principal da equipe russa de atletismo, apelidado de “Pinochet” por seu comportamento ditatorial e seu hábito de sempre usar óculos escuros, tanto ao ar livre como em recintos fechados.

NIKITA KAMAEV (1963-2016): amigo de infância, que se tornou colega e colaborador quando dirigiu a Agência Antidoping da Rússia (RUSADA). Em 2016, morreu em circunstâncias misteriosas.

VIKTOR CHEGIN: lendário treinador de sucesso de competidores de marcha atlética russos, dezenas dos quais foram posteriormente desqualificados por uso abusivo da substância proibida eritropoietina (EPO) e anormalidades em seu passaporte biológico de atleta.

BRYAN FOGEL: cineasta de Los Angeles, ciclista amador e diretor de *Ícaro*, ganhador do Oscar de melhor documentário em 2018.

YURI NAGORNYKH: vice-ministro do Esporte (2010-2016), era meu supervisor direto antes, durante e depois dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, em Sochi.

NATALIA ZHELANOVA: subordinada de Nagornykh no Ministério do Esporte e “conselheira de controle antidoping”.

EVGENY BLOKHIN: agente do FSB (polícia secreta) e líder dos chamados “encanadores”, homens que trocavam as amostras de teste dos atletas nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, em Sochi.

VITALY MUTKO: ministro do Esporte russo, de 2008 a 2016, amigo de Putin desde a década de 1990 e o único sobrevivente do escândalo de doping em Sochi. Promovido a vice-primeiro-ministro em 2016, renunciou ao cargo em 2020.

Hajo SEPPelt: cineasta e jornalista alemão, que denunciou obstinadamente escândalos internacionais de doping e me deu muita dor de cabeça em 2014 e 2015.

DICK POUND: presidente da WADA de 1999 a 2007. Advogado e ex-nadador olímpico canadense, presidiu a Comissão Independente que investigou a existência de doping generalizado no atletismo russo.

RICHARD McLAREN: professor de direito canadense, que conduziu como “pessoa independente” a investigação da WADA a respeito das minhas revelações sobre as fraudes nos Jogos Olímpicos de Londres e Sochi e as trocas de amostras em nosso laboratório de Sochi.

VITALY E YULIYA STEPANOV: ex-agente de controle antidoping da RUSADA (Vitaly), casado com uma corredora olímpica (Yuliya). Eles denunciaram o programa de doping da Rússia no documentário de Hajo Seppelt, de 2014, intitulado *Top-Secret Doping: How Russia Makes its Winners*.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!

CAMPANHA



**ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM JANEIRO DE 2021**